

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 14 de outubro de 2025 às 07h52*  
*Seleção de Notícias*

## Jota Info | BR

Marco regulatório | INPI

<b>Indicadores de Inovação Global - Que conclusões tiramos? .....</b>	<b>3</b>
<small>RICARDO PACHECO</small>	

## Migalhas | BR

13 de outubro de 2025 | Marco regulatório | INPI

<b>Trade dress no Brasil: Por que regulamentar é bom para todos? .....</b>	<b>6</b>
<small>GUILLERMO GLASSMAN</small>	

## Época Negócios - Online | BR

Patentes

<b>5 lições inspiradoras das campeãs da inovação de 2025 .....</b>	<b>9</b>
<small>FÁBIO OLIVEIRA</small>	

## Folha.com | BR

13 de outubro de 2025 | Marco regulatório | INPI

<b>O que os estudos do Nobel de economia indicam sobre o Brasil? Veja comentários de especialistas .....</b>	<b>12</b>
<small>ÚLTIMAS NOTÍCIAS   FELIPE GUTIERREZ</small>	

# Indicadores de Inovação Global - Que conclusões tiramos?



Uma breve avaliação do Global Innovation Index 2025

Há um ano, antes de esta coluna existir, o Jota publicou uma série de 5 artigos semanais, nos quais avalei detalhadamente a edição 2024 do Global Innovation Index, ranking publicado pela Organização Mundial da **Propriedade** Intelectual (WIPO, na sigla em inglês). Os artigos podem ser acessados aqui e acredito que boa parte da avaliação feita ali mantém-se muito relevante.

Nas últimas semanas, a WIPO publicou o GII 2025. Já o **INPI** apresentou o Índice Brasil de Inovação e Desenvolvimento 2025 (a 'versão brasileira' do GII), no seu segundo ano. E, do lado privado, tomamos conhecimento da 11ª edição do ranking das 150 Empresas mais Inovadoras do Brasil, uma publicação do Valor Econômico, com a consultoria Strategy& do grupo PwC. Os três conteúdos completam os relatórios anuais dedicados a mensurar a inovação em níveis globais, nacionais e empresariais.

Neste artigo, a proposta será trazer um panorama do Global Innovation Index 2025 e quais as conclusões são possíveis. A provocação que se coloca é: o que deve ser melhorado para que os indicadores sejam mais favoráveis nos próximos anos?

**GII 2025: inovação na encruzilhada e a lição de casa brasileira**

O GII 2025[1] apresenta nas suas primeiras páginas um alerta: a inovação global está em modo de atenção. De um lado, há rápido avanço e alcance de tecnologias em inteligência artificial, computação quântica e energia limpa. De outro, investimentos de venture capital (direcionados a startups e atividades de risco) se mantiveram moderados e localizados em centros de inovação 'tradicionais'. O investimento global em P&D cresceu, mas em menor ritmo que antes.

O setor privado segue liderando investimentos se comparado com setor público, alcançando total de USD 1.3 trilhão em 2024, com liderança de empresas de setores de tecnologia, software e farmacêutico. Contudo, os níveis de investimento estão muito abaixo do que os da última década. Já o número de patentes depositadas avançou timidamente.

Em termos socioeconômicos, o GII traz bons resultados. O que mais me alegrou foi a constatação de que a pobreza extrema no mundo segue caindo. Em 2024, eram 817 milhões de pessoas nessa condição, menos da metade se comparado com 2004. Ainda é um número (muito) alto; contudo podemos comemorar tamanha redução em 20 anos.

Já a comparação do ranking dos países é preocupante: há o 2º retrocesso brasileiro no ranking. Estávamos em 49º lugar em 2023; caímos para 50º em 2024 e agora passamos a ocupar a 52ª posição, perdendo a liderança da América Latina para o Chile. Outros países economias semelhantes seguem evoluindo no ranking ano após ano, como Índia, Turquia, Vietnã, Indonésia, por exemplo. Um exemplo de onde vamos mal, dentre outros pontos, o GII destaca que o Brasil apresenta níveis mais baixos que os países de renda média no que se refere à cobertura

Continuação: Indicadores de Inovação Global - Que conclusões tiramos?

de sinal 5G pela população (a Índia tem quase cobertura 20% mais ampla).

Como se viu nos últimos anos, o pior indicador brasileiro ainda é o quesito 'Instituições'. Ocupamos a posição 107 dentre 132 países. O Chile, por exemplo, ocupa a posição 50 no ranking de em Instituições. Se comparados com demais países dentre os 60 mais bem colocados, apenas Brasil, México, Rússia e Turquia têm posição pior que 100 neste indicador. Ou seja, praticamente a metade do ranking está mais bem posicionado que o Brasil.

A um ano do processo eleitoral, seria oportuno às candidaturas elaborar estratégias reais para endereçar este tema. O avanço neste ponto é fundamental para que o país possa inovar e competir em condições melhores no contexto internacional.

[2]

Mais adiante, em outro artigo, a avaliação dos outros dois relatórios nacionais mencionados seguirá. Nestes casos, teremos a abordagem do IBDI - Índice Brasil de Inovação e Desenvolvimento 2025 que traz o panorama nacional de inovação e o ranking das 150 empresas mais inovadoras do país, publicado há 11 anos pelo Valor Econômico, com a avaliação deste tema sob a perspectiva das empresas brasileiras. Até lá!

**Em alta** | setembo.25

**Brasil.** O Cade - Conselho Administrativo de Defesa Econômica realizou evento para discussão de patentes essenciais e padrões tecnológicos, considerando desafios impostos pelo tema à dinâmica concorrencial. O evento incluiu especialistas do Cade e do MDIC, além de ter transmissão online e foi

motivado por estudo "Contribuições do Cade: patentes essenciais"[3].

**Brasil.** CNI e **INPI** em parceria lançaram E-Book para esclarecer principais dúvidas sobre registro de marcas por MPMEs - micro, pequena e médias empresas brasileiras. A publicação é uma das entregas da Estratégia Nacional de PI para o Plano de Ação 2023-2025 e reforça a intenção em aumentar número de ativos de PI nacionais. A íntegra do documento pode ser acessada online[4].

**Brasil.** **INPI** abriu consulta pública sobre procedimentos técnicos para a obtenção de indicações geográficas. O prazo para envio de contribuições encerra em 17.10.2025. A proposta de alterações das atuais diretrizes visa simplificar os processos de avaliação pelo **INPI**, com a fusão de fase preliminar com a etapa de avaliação do mérito do pedido. Em 2025, o Brasil conta com 142 IGs registradas, em 25 estados do país[5].

**Brasil.** Publicado pela Associação Nacional da Indústria da Música (Anafima) o estudo 'PIB do Brasil em Números 2025'. Dentre os indicadores apresentados, o estudo conclui que o país alcançou R\$ 116 bilhões de reais em royalties, o que representa crescimento constante do setor nos últimos anos. A grande parte deste valor está vinculada a apresentações musicais ao vivo, enquanto apenas 3% estão relacionadas à reprodução musical por plataformas digitais. Outro dado interessante é que 93% das 200 músicas mais ouvidas no país são brasileiras.

[1] O Relatório completo (em inglês) está disponível através do link <https://www.wipo.int/web-publication/global-innovation-index-2025/en/index.html>

Continuação: Indicadores de Inovação Global - Que conclusões tiramos?

[2] Global Innovation Index 2025.

[3] Informações disponíveis em <https://www.gov.br/cade/pt-br/assuntos/noticias/patentes-essenciais-e-padroes-tecnologicos-cade-debate-e-desafios-a-economia-e-inovacao-no-mercado-global>

[4] Informações disponíveis em <https://www.gov.br/inpi/pt-br/central-de-contato>

[udo/noticias/lancado-e-book-sobre-registro-de-marcas-para-micro-pequenas-e-medias-empresas](#)

[5] Informações disponíveis em <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/indicacoes-geograficas/consultas-publicas>

## Trade dress no Brasil: Por que regulamentar é bom para todos?



No Brasil, o conceito garante a identidade visual de produtos, mas a ausência de registro formal cria insegurança e altos custos judiciais.

Trade dress no Brasil: Por que regulamentar é bom para todos? Guillermo Glassman e Diego Coelho No Brasil, o conceito garante a identidade visual de produtos, mas a ausência de registro formal cria insegurança e altos custos judiciais. segunda-feira, 13 de outubro de 2025 Atualizado em 10 de outubro de 2025 13:34 Compartilhar ComentarSiga-nos no A A

Imagine um ativo valioso, capaz de distinguir um produto em meio a dezenas de concorrentes, fidelizar consumidores e sustentar estratégias de mercado - mas que, paradoxalmente, carece de proteção jurídica clara no Brasil. Esse é o cenário do trade dress, ou conjunto-imagem: um instrumento essencial de diferenciação comercial que, embora consolidado na prática e reconhecido pelos tribunais, ainda navega em um limbo regulatório que impõe custos elevados, incertezas e longos litígios aos seus titulares e aos concorrentes que pretendem utilizar uma mesma "linguagem de família". Compreender esse vácuo normativo e suas consequências práticas é fun-

damental para repensar a forma como o direito brasileiro tutela esse ativo e quais mudanças podem ser necessárias para garantir uma proteção mais eficiente, célere e acessível aos agentes econômicos.

Afinal, em um mercado cada vez mais competitivo e saturado de estímulos visuais, a identidade gráfica de um produto ou serviço pode ser tão estratégica quanto a própria marca. A ausência de mecanismos administrativos específicos para o registro de conjuntos-imagem no **INPI** força empresas - inclusive pequenas e médias, que representam a maioria do tecido empresarial brasileiro - a recorrer ao Judiciário para ver reconhecidos e tutelados seus direitos. O resultado é um sistema oneroso, demorado e imprevisível, que desestimula a inovação estética e fragiliza a segurança jurídica necessária para investimentos consistentes em branding e design.

Trade dress é um instituto do direito norte-americano, consagrado pela Lanham Act de 1946, que protege a aparência distintiva de produtos e serviços contra imitações enganosas. No Brasil, a proteção ao conjunto-imagem não decorre de norma legal específica, mas de uma construção jurisprudencial e doutrinária consolidada ao longo das últimas décadas, passando a ser utilizado para designar o conjunto de elementos visuais e sensoriais que conferem identidade própria a um produto ou serviço, funcionando como importante instrumento de diferenciação no mercado.

A jurisprudência brasileira tem reconhecido de forma consistente que a reprodução indevida do conjunto-imagem configura ato de concorrência desleal, passível de repressão com base na lei da **propriedade industrial** e no CDC. Decisões de tribunais e do STJ afirmam que não é necessária a contrafação de marca para caracterizar a infração: basta a imitação global de elementos visuais capazes de induzir o consumidor a erro ou gerar associação indevida com pro-

duos já consolidados.

No Brasil, não existe atualmente nenhuma norma regulamentadora do **INPI** que permita o registro formal de um trade dress. Em razão dessa lacuna normativa, a análise de elementos essenciais à sua proteção - especialmente a distintividade - ocorre exclusivamente no âmbito judicial. Nesses casos, a comprovação depende quase sempre de perícia técnica, que se torna peça central para a definição do litígio.

O problema é que essa análise pericial envolve um grau considerável de subjetividade. A avaliação sobre se um conjunto de elementos visuais é suficientemente distintivo para merecer proteção jurídica não decorre de critérios objetivos previamente estabelecidos, mas da interpretação do perito designado pelo juízo, que muitas vezes não possui especialização específica semiótica ou branding. Com isso, ao ingressar com uma ação, nenhuma das partes tem clareza sobre qual será a conclusão pericial - e, conseqüentemente, o desfecho do processo.

Essa incerteza gera um ambiente de baixa segurança jurídica, em que titulares de trade dress não sabem se terão seus direitos reconhecidos e concorrentes não sabem se sua conduta será considerada ilícita.

Isso se traduz em elevados custos para apenas iniciar um litígio referente à infração do conjunto-imagem, sendo necessário incorrer em custos para elaboração de parecer inicial de semiótica, taxas oficiais, honorários advocatícios, assistência técnica, honorários periciais, dentre outros, sem uma adequada previsibilidade de que o direito sobre o trade dress em debate será reconhecido em juízo. Na prática isso significa dizer, também, que são raras as concessões de tutelas antecipadas, especialmente aquelas inaudita

Continuação: Trade dress no Brasil: Por que regulamentar é bom para todos?

altera pars, geralmente requerendo o Juízo que seja realizada perícia para só então deliberar uma eventual abstenção, o que pode demorar anos.

Com essa demora, os titulares dos direitos sobre o conjunto-imagem transgredido pela parte infratora sofrem com: (i) a perda de market share e consequente erosão de preços/prejuízos; (ii) a diluição de sua marca e/ou identidade comercial; (iii) perda da posição top of mind perante consumidores; (iv) além de incorrerem em elevados custos em publicidade e propaganda para combater a confusão causada pela parte infratora. Estes danos muitas vezes não são integralmente reparados em posterior indenização, na medida em que são de difícil ou impossível quantificação, em especial porque, na prática, o valor do branding é inestimável.

A ausência de um mecanismo administrativo de registro formal, portanto, impõe barreiras que impactam diretamente a inovação, o investimento e a segurança jurídica no país. Discutir alternativas para superar esse vácuo normativo é o primeiro passo para uma política de **propriedade** industrial mais eficiente e acessível.

Guillermo Glassman Advogado, professor e pesquisador com experiência em Direito Público, **Propriedade** Intelectual e Regulação da Saúde. Doutor em Direito Administrativo pela PUCSP, pesquisador do pós-doutorado da Faculdade de Direito da USP, é sócio do L.O. Baptista Advogados, diretor jurídico da ABFMED, Coordenador do Curso de Direito de Life Sciences da Escola de Negócios da Câmara de Comércio Brasil Canadá - CCBC e autor dos livros Parcerias para o Desenvolvimento Produtivo de Medicamentos e Direito de Life Sciences (ed. Thoth, 2020 e 2025). L.O. Baptista Advogados Diego Coelho Diretor Jurídico da Opella Healthcare no

Continuação: Trade dress no Brasil: Por que regulamentar é bom para todos?

Brasil. Especialista em **Propriedade** Intelectual e Novas Tecnologias pela FAAP e MBA em Direito Corporativo pela FGV-SP. Possui experiência consolidada de 20 anos em **propriedade** intelectual e, mais especificamente, de 15 anos em life sciences,

período no qual tem ocupado papéis de liderança jurídica em empresas do setor farmacêutico.



## 5 lições inspiradoras das campeãs da inovação de 2025



Agora é momento certo para sua organização adaptar essas lições e dar mais passos em direção à transformação do negócio

Prêmios de inovação trazem uma contribuição mais preciosa do que simplesmente anunciar um ranking de empresas inovadoras. Funcionam como um registro histórico do tempo presente, uma espécie de checkup da vitalidade empresarial, reunindo sinais de como a inovação está sendo desenvolvida, aplicada e percebida.

O Prêmio Valor Inovação Brasil é o mais prestigiado reconhecimento de inovação empresarial do Brasil, e sua 11ª edição aconteceu no último mês de agosto. Tive o privilégio de ser um dos 3 especialistas convidados a colaborar com as avaliações de 2025.

Convido os leitores a descobrirem como a inovação está sendo cultivada e priorizada pelo empresariado. Boa parte dos projetos atuais giram em torno de aplicações de IA para produtividade. Sinal dos tempos em que vivemos. Quase lembrei do álbum de 1994 do cantor Falcão chamado "O dinheiro não é tudo, mas é 100%". Adaptando o mote para as atuais cozinhas da inovação, ficaria "A IA não é tudo, mas é quase 100%".

Felizmente, ainda há espaço para inovações em produtos e serviços, modelos de negócio, desenhos organizacionais, captura de valor e experiência do

cliente, sem ter a IA como única protagonista. Para a felicidade geral da nação e do planeta, a inovação não está sendo avaliada só em função de eficiência e digitalização, mas também pela adoção de práticas sustentáveis. Uma notícia reconfortante!

A premiação foi abrangente ao avaliar 264 organizações que atuam em 25 segmentos de mercado. Não dá para resumir num único artigo todas as boas práticas compartilhadas, mas selecionei as principais inspirações das 10 empresas mais inovadoras de 2025.

**Ecossistemas de inovação** As campeãs brasileiras cultivam fortes relações com ecossistemas de inovação. A iniciativa Natura Campus, da líder do ranking, começou em 2009 e realizou 45 parcerias junto à comunidade científica em 2024. O Natura Startups, mais recente, reuniu 69 empresas com foco em biotecnologia e bioeconomia e realizou 73 projetos de inovação. Esse projeto foi responsável por grande parte dos 267 produtos lançados em 2024. Enquanto isso, o fundo Natura Ventures impulsionou a plataforma de serviços de beleza e bem-estar Bluma.

A Wayra, fundo de corporate venture capital da Vivo, foca nas startups brasileiras desde 2012. Seu investimento na Beegol gerou a implantação de um novo sistema de monitoramento nos modems instalados nas casas de mais de 7 milhões de clientes Vivo Fibra. Já a Vivo Ventures é o braço que investe em empresas maduras como a Klubi (consórcio), a Agrolend (fintech) e a Conexa (telemedicina).

O Einstein Hospital Israelista participa da rede Emprapii, nutre parceria com o Ministério da Saúde, tem um laboratório de design, um centro de inovação e tecnologia (CITS), o fundo de investimento Arava e a aceleradora Eretz.bio, que aposta atualmente em 42 startups.

Continuação: 5 lições inspiradoras das campeãs da inovação de 2025

O Grupo Boticário tem parcerias com USP, MIT, Einstein, Senai, CESAR, Embrapii e diversas startups, contando com programas de aceleração e aportes do fundo GBV. Na CNH Industrial, parcerias com PUC-PR, Unicamp, Agricef e startups como SaveFarm e Bem Agro impulsionam o desenvolvimento de tecnologias para o campo e construção civil.

**Uso de tecnologias emergentes** Tecnologia sempre é um dos maiores vetores de transformação, e as organizações mais inovadoras priorizam essa dimensão em suas estratégias. Vice-líder do ranking 2025, o Einstein vem investindo em IA, genômica, telemedicina e plataformas digitais para transformar a experiência do paciente e ampliar o acesso à saúde. Desde 2016, tem uma área de Big Data e Analytics; seus esforços em IA disponibilizam 120 algoritmos para melhorar a gestão hospitalar.

Os drones e plataformas digitais da Eletrobrás auxiliam na manutenção de linhas de transmissão e na previsão de eventos climáticos extremos. Na Embraer, a plataforma SmartPlanning, baseada em IA, otimiza a gestão de materiais e estoques, enquanto o projeto eVTOL - veículo elétrico de decolagem vertical - tocado pela spin-off Eve Air pensa a mobilidade aérea urbana com tecnologias de ponta.

A Vivo explora digital twins, IA para otimização de rede e monitoramento proativo de modems; a WEG integra sensores e IA para manutenção preditiva de máquinas; a CNH investe em conectividade rural com a Starlink, e em plataformas digitais como o FieldOps, que integram IA para gestão de frotas; a Energisa usa algoritmos para prever padrões irregulares de consumo e o momento de fazer a manutenção e substituição de equipamentos.

**Recursos para inovação** A consolidação de equipes, recursos financeiros, processos e laboratórios de inovação permite transformar oportunidades em soluções tangíveis. A Embraer investe 5% do seu faturamento em P&D, tem mais de 800 **patentes** re-

gistradas e trouxe como destaque para essa edição seu "laboratório voador" - a Plataforma Demonstradora de Novas Tecnologias (PDNT) - , um exemplo de como testar tecnologias emergentes, como propulsão híbrida, materiais avançados e pilotagem autônoma com agilidade e segurança.

O Boticário, além de contar com 400 profissionais em P&D, fez saltar de 200 para 3 mil o número de funcionários na área de TI, evidenciando um redesenho organizacional ambicioso para transformar a organização em uma beauty tech.

A Weg investe cerca de 2,8% da receita operacional líquida em P&D; a Eletrobrás centralizou a operação de monitoramento de ativos e dados climáticos em um único centro, reunindo meteorologistas, cientistas de dados e profissionais de operação para otimizar a gestão de suas hidrelétricas e linhas de transmissão, enquanto a Petrobras tem mil pesquisadores atuando em 116 laboratórios no seu centro de pesquisas (Cenpes).

**Inovação sustentável** As líderes do ranking nacional entendem que inovação e sustentabilidade caminham juntas. Na Natura, a criação da plataforma Amazônia 5.0 - integrando tecnologias ômicas, machine learning e bioinformática - levou à descoberta de 46 bioingredientes com origem na sociobiodiversidade regional, colaborando para preservar mais de 2 milhões de hectares.

A Petrobras aloca o montante de US\$ 1 bilhão para projetos de "baixo carbono", englobando pesquisas de fontes de energia renovável como biodiesel, biometano, etanol, eólica, solar e hidrogênio, além de captura e armazenamento de carbono.

A CNH aplica tecnologia em seus equipamentos pulverizadores, reduzindo em mais de 80% o uso de herbicidas, além de trabalhar no desenvolvimento de máquinas movidas a etanol. A WEG desenvolve motores industriais mais eficientes, focando em eficiência energética e redução de emissões. Já a

Continuação: 5 lições inspiradoras das campeãs da inovação de 2025

Energisa estuda as possibilidades de serviço alinhadas ao avanço de fontes variáveis de energia.

E o Grupo Boticário traz um sopro novo e necessário, aplicando inovação e tecnologia voltadas à diversidade e inclusão: a empresa criou o primeiro "batom inteligente" que, junto com os pincéis acessíveis da marca Make B, reflete a responsabilidade social no negócio.

Inovação guiada por propósito e cultura Empresas maduras em inovação apostam na evolução constante de sua cultura, derrubando barreiras, investindo em aprendizagem, colaboração e mentalidade de crescimento. Como o Boticário, a Embraer envolve mais de 20 mil funcionários nos processos de inovação por meio do programa "Embaixadores da Inovação".

Já a Vivo aposta no programa Shapers, que atua como catalisador de novos negócios e soluções digitais, mostrando que propósito e cultura caminham lado a lado na construção de ambientes propícios à inovação.

Na WEG, a empresa estimula todos os colaboradores a contribuírem com ideias, conectando ganhos de lucros à participação nos resultados. A companhia criou também um programa para formar profissionais capacitados a desenvolver soluções com IA, além de investir em programas de intercâmbio com fábricas de outros países.

**Resultados e impacto** Em um ambiente de negócios com atenção geral redobrada para a geração de resultados pela inovação, as campeãs de 2025 têm uma

visão pragmática que prioriza programas estratégicos, mensuráveis, capazes de contribuir para seu presente e futuro.

No Boticário, 27% das vendas totais de 2024 vieram de produtos lançados nos últimos 12 meses, com a média de 5 mil novos itens introduzidos anualmente. A WEG obteve 55% de seu faturamento com produtos lançados nos últimos cinco anos, e alcança reduções significativas de custo com projetos da indústria 4.0.

A Vivo transformou novos negócios digitais em 11% da receita, com projetos que vão de serviços B2B a soluções para o consumidor final, gerando R\$ 130 milhões via startups conectadas. Estes resultados comprovam que a inovação, quando alinhada a propósito, estrutura, tecnologia e parcerias, cria impacto real.

Como sempre defendo como professor, palestrante e consultor, Inovação é fruto de um sistema influenciado por múltiplos ingredientes. Nesse artigo, compartilhei algumas das inspirações das Top 10 empresas mais inovadoras do Prêmio Valor Inovação Brasil 2025: estratégia; recursos alinhados; conexão com ecossistemas; desenvolvimento de tecnologias; cultura em constante evolução; visão sustentável e foco em resultados.

Agora é momento certo para sua organização adaptar essas lições e dar mais passos em direção à transformação do negócio. Mãos à obra!

# O que os estudos do Nobel de economia indicam sobre o Brasil? Veja comentários de especialistas

## ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Professor da USP cita Empraba como exemplo positivo ao financiar **inovação** tecnológica da agricultura

Prêmio foi dividido por uma dupla de teóricos que estuda há uma longa data e um historiador da economia

São Paulo

A discussão sobre crescimento econômico no Brasil costuma ser mais focada em questões de curto prazo, como baixar a taxa de juros ou bater a meta fiscal, mas no longo prazo, o que realmente determina a renda são o capital humano e a cultura, ao menos na concepção de Joel Mokyr, professor da Universidade Northwestern, nos Estados Unidos, e um dos três vencedores do prêmio Nobel de Economia de 2025, anunciados nesta segunda-feira (13).

Mokyr estuda a Revolução Industrial. Para ele, o que gerou o "mar de inovações" desse período foi uma espécie de choque de oferta. Nos séculos anteriores à revolução, houve um acúmulo de cultura intelectual, uma espécie de "iluminismo industrial", que fez com que a Europa saísse de um estado mais tradicional para um mais inovador.

O ponto é que cultura (nesse contexto, um conjunto de crenças e valores) e capital humano (educação, saúde, disposição para o trabalho etc.) são fundamentais para o crescimento econômico. É nesse sentido que a teoria de Mokyr se encaixa no Brasil, segundo Matheus Assef, que dá aulas de história na USP. "Temos educação baixa e, historicamente, tivemos relações pouco capitalistas", diz o professor.

Para Assef, a Revolução Industrial é "o grande evento da história econômica". "Tem muitas coisas in-

teressantes na história, mas a revolução é a mais de todas", diz Assef.

O Nobel de Economia deste ano foi dividido de uma forma pouco comum: além de Mokyr, há outros dois vencedores, que formam uma dupla de teóricos que estudam juntos há uma longa data. Eles são Phillippe Aghion (do Collège de France) e Peter Howitt (da Universidade Brown, nos EUA), que pesquisam o tema da inovação há anos.

Eles colocaram em equações a relação entre tecnologia e o crescimento da renda.

Aloísio de Araújo, da Fundação Getúlio Vargas, afirma que Aghion e Howitt não usam os mesmos métodos do historiador Mokyr, mas há semelhança de tema, o que justifica a divisão do prêmio. "Eles (os membros da Real Academia Sueca de Ciências) tentam acomodar os trabalhos que acham que merecem o Nobel", afirma Araújo.

Além de terem feito modelos que permitem estudar como a tecnologia impacta o crescimento da renda, os dois também descrevem a forma de se estimular a inovação.

"O estímulo à **inovação** tecnológica não é algo que vem espontaneamente, mas que requer um conjunto de condições", afirma o professor de macroeconomia da USP Gilberto Tadeu Lima.

Ele dá um exemplo: patentes. "Se não for dada a garantia de recuperar com folga o investimento em um produto bem-sucedido, ninguém vai investir."

Um caso brasileiro de estímulo que ele cita é a Em-

Continuação:  
O que os estudos do Nobel de economia indicam sobre o Brasil? Veja comentários de especialistas

brapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), que cumpre parte do papel de financiar a **inovação** tecnológica das firmas da agricultura. "É recurso público que se coloca lá e que, depois, é distribuído aos usuários. Parte do sucesso do nosso agro-negócio é resultado de uma política bem-sucedida de inovações por parte de um laboratório público."

Em "The Economics of Growth" (em tradução livre, "A Economia do Crescimento"), de 2009, Aghion e Howitt dizem que nos anos 1990 eles criaram modelos matemáticos para as teorias do economista austríaco Joseph Schumpeter, que escreveu na primeira metade do século 20.

Grosso modo, o austríaco descreveu a destruição criativa, ou seja, a forma pela qual as inovações tornam os produtos antigos obsoletos e como uma alta rotatividade de empresas inovadoras acelera o crescimento.

## CONCENTRAÇÃO DE MERCADO E PATENTES

O modelo analisa como o crescimento de um país va-

ria de acordo com a proximidade dessa economia da fronteira tecnológica. Ao governo, cabe decidir de que forma se aproximar dessa fronteira e quais tipos de políticas são necessárias para sustentar essa convergência.

Uma dessas decisões, por exemplo, quanto os mercados devem ser concentrados. Segundo Tadeu Lima, o professor da USP, os dois economistas concluíram que empresas precisam de algum poder de determinação de preços para que tenham recursos para investir em inovação, mas se o segmento for concentrado demais, não há incentivos para inovar.

O professor da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) Alexis Toribio Dantas afirma que isso é observável no Brasil: o **Inpi (Instituto Nacional da Propriedade Industrial)** divulga um ranking de maiores depositantes de **patentes** de invenção no ano passado, e os primeiros colocados foram a Stellantis Automóveis Brasil, com 185 depósitos, seguida pela Petrobras (155) e pela Universidade Federal de Campina Grande (86).

## Índice remissivo de assuntos

**Propriedade Intelectual**  
3, 6

**Marco regulatório | INPI**  
3, 6, 12

**Propriedade Industrial**  
6, 12

**Patentes**  
9, 12

**Inovação**  
12